



PSICANÁLISE E A INTERFACE COM A EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES NO ENSINO- APRENDIZAGEM

Pedro Victor Dias de Moraes ¹

RESUMO

A pesquisa realizada aborda a interseção entre Psicanálise e Educação, enfocando o enfrentamento dos desafios presentes no ambiente escolar. Um dos pontos centrais discutidos é a importância de reconhecer o saber do aprendiz, conforme defendido por Paulo Freire, em sintonia com a prática analítica que valoriza a escuta empática e ativa como resposta ao mal-estar escolar, caracterizado por sintomas como ansiedade, angústia e violência, resultantes das tensões entre demandas pulsionais e culturais discutidas por Freud. Nessa perspectiva, este estudo articula crítica a cultura de ódio e indiferença que invalida a experiência dos sujeitos na comunidade escolar, exacerbando seu sofrimento, assim como ressalta que a falta de uma escuta adequada pode resultar em indisciplina escolar, vista como um sintoma dessa negligência, visto que a abordagem educacional muitas vezes mascara esses sintomas, gerando um silenciamento do sofrimento que deveria ser acolhido e trabalhado. Portanto, é discutido como a escuta emerge como uma ferramenta fundamental na gestão do sofrimento no contexto escolar, contribuindo para a modulação de afetos e emoções.

Palavras-chave: Psicanálise, Educação, Transferência, Escuta, Sintoma.

INTRODUÇÃO

O saber analítico possibilita compreensão sobre o funcionamento do ser falante e a natureza de seus vínculos sociais, entendendo como este está se relacionando com o Outro social, que pode ser a escola, a comunidade ou qualquer outra entidade que assegura as condições necessárias para a criação e sustentação dos laços simbólicos (SANTIAGO, 2008). Este presente artigo pretende verificar possíveis contribuições da Psicanálise para com o campo da Educação, analisando prováveis interlocuções e aportes teóricos que o saber psicanalítico pode conferir as dinâmicas, lógicas e problemáticas educacionais, destacando a importância do saber e da transferência no processo de ensino-aprendizagem, além do impacto do mal-estar psíquico no ambiente escolar. A teoria psicanalítica oferece ferramentas valiosas para compreender e intervir nas dinâmicas educacionais, promovendo um olhar crítico sobre as relações de poder, ignorância e transferência que permeiam o contexto pedagógico. A

¹ Graduando do Curso de Psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - UNILEÃO, pedrovictordm@gmail.com.

Psicanálise lacaniana, conforme discutido por autores como Dunker, Quinet e Fink, enfatiza o desejo de saber produzido pela ignorância doutra, fundamental tanto na clínica analítica quanto na educação. Este saber se contrapõe à imposição de conhecimento, promovendo uma escuta ativa e empática, essencial para a formação de vínculos simbólicos no processo educativo.

A transferência, conceito central na psicanálise freudiana, também é essencial na educação, onde o professor assume a posição de sujeito suposto saber, influenciando profundamente a relação pedagógica e a aprendizagem dos alunos. Este fenômeno é de suma importância para a construção do vínculo entre aluno e professor, possibilitando que o aprendizado ocorra de maneira mais significativa. No entanto, a idealização do professor e a atribuição de um saber absoluto podem gerar conflitos emocionais e afetar o processo de ensino-aprendizagem (DUNKER, 2020). A psicanálise, ao esclarecer essas dinâmicas, contribui para uma prática educativa mais consciente e eficaz.

Além disso, o mal-estar psíquico no contexto escolar é uma questão crítica que necessita de atenção. De acordo com autores como Lopes et al. (2020) e Almeida e Vieira (2023), a presença de crises de ansiedade, ideação suicida, consumo excessivo de substâncias e atos de violência são sintomas que refletem o impacto do mal-estar na cultura e no real sobre os sujeitos. Freud (1930/2010) já apontava que a civilização exige a renúncia às satisfações pulsionais, gerando um constante mal-estar na tentativa de equilibrar essas demandas com as exigências culturais. Quando este mal-estar se manifesta na escola, pode resultar em tensões, ansiedades e confrontos que desafiam tanto educadores quanto estudantes.

Nessa perspectiva, este presente artigo investiga como a psicanálise pode contribuir para a compreensão das dinâmicas emocionais e cognitivas no ambiente escolar, especialmente em relação ao saber e à transferência. Além disso, explora o mal-estar psíquico manifestado na escola, analisando como as tensões e ansiedades dos estudantes são geridas e os desafios enfrentados pelos educadores. A relevância da psicanálise na educação é destacada pela necessidade de abordar os complexos fenômenos psíquicos que influenciam o processo de ensino-aprendizagem. Compreender a relação entre saber, transferência e mal-estar psíquico é crucial para promover um ambiente educacional mais saudável e produtivo.

Os principais objetivos da pesquisa são investigar a aplicação do saber psicanalítico na educação e sua relação com o saber docente, analisar o papel da transferência na relação professor-aluno, e compreender o impacto do mal-estar psíquico no ambiente escolar. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica abrangendo obras de Freud, Lacan, Dunker, Quinet e outros autores relevantes, cujos os textos lidam com a educação e o saber.



A pesquisa revelou que a transferência é um fenômeno essencial na educação, onde a figura do professor, idealizada pelos alunos, facilita a aprendizagem, mas também pode gerar conflitos emocionais. O mal-estar psíquico, frequentemente mascarado ou invalidado, precisa ser reconhecido e abordado de maneira sensível para evitar sentimentos de impotência e desistência. A postura de ignorância douda, defendida por Lacan e Freire, pode ajudar os educadores a manter o equilíbrio emocional e promover um ambiente de aprendizagem mais fértil e próspero, assim como a escuta, defendida por Dunker como uma resposta educativa e analítica ao sofrimento, sendo capaz de modular os afetos, emoções e sentimentos.

A integração da psicanálise na educação oferece uma abordagem rica para compreender e melhorar as relações pedagógicas. O reconhecimento da transferência e a gestão do mal-estar psíquico através da escuta são fundamentais para criar um ambiente educacional que não apenas transmita conhecimento, mas também cuide do bem-estar emocional dos alunos e professores. Portanto, este trabalho destaca a importância de uma postura aberta e humilde diante do saber, promovendo uma educação que valorize o processo humano em sua totalidade.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como revisão bibliográfica, que conforme Gil (2007), é um tipo de pesquisa elaborada com base em materiais já consolidados, como artigos científicos e livros. Assim, para produção deste artigo foram reunidos artigos que lidam com o tema das convergências entre psicanálise e educação.

As obras: *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1974/2019), *Paixão da Ignorância: A escuta entre Psicanálise e Educação* (DUNKER, 2020), *As 4 + 1 Condições da Análise* (QUINET, 2022), *O Mal-estar na civilização* (FREUD, 1930/2010) e *Freud e a educação o mestre do impossível* (KUPFER, 2005), foram centrais na produção, assim como os artigos: *O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em Psicanálise e Educação* (SANTIAGO, 2008), *A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem* (SANTOS), *Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso* (MARIOTTO, 2017) e *Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros* (CARNEIRO, 2020).

Os temas para a seleção dos textos foram: “A Psicanálise e sua relação com o saber”; “Transferência como ferramenta pedagógica”; “Mal-estar psíquico e o Real no contexto escolar”, e “A escuta como resposta ao sofrimento escolar”.

REFERENCIAL TEÓRICO

A PSICANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM O SABER

Em *Pedagogia do Oprimido*, o pedagogo e filósofo Paulo Freire (1974/2019) apresenta a tese central de seu pensamento, reconhecer o saber e o modo de vida contidos no aprendiz, ideia que dialoga com a práxis analítica, onde o analista não deposita ou impõe seu saber no paciente, portanto, não o destitui como agente de seu processo (DUNKER, 2020; QUINET, 2022). Segundo Dunker (2020) em *Paixão da Ignorância: A escuta entre Psicanálise e Educação*, a paixão da fala parece estar presente naqueles que querem saber, já a paixão da escuta tem relação com a experiência da ignorância, mas não qualquer desconhecimento ou inabilidade, e sim um primeiro passo rumo a escuta e abertura para o outro, produzindo uma escuta empática ou escuta ativa. Desse modo, a Psicanálise, com destaque para a psicanálise lacaniana, possui uma relação veemente com o não-saber, desse modo o analista é movido por essa ignorância quanto aos significantes e significados do analisando, e transmitindo a partir disso, o desejo de analisar (FINK, 2018).

Nesse interim, Rancière (2015) aborda que a função da ignorância realiza uma transformação nas relações de poder, dialogando tanto com a perspectiva de Lacan, quanto a de Freire, pois ambos assumem a mesma postura ética diante do saber, a paixão pela ignorância, ou ignorância douda, definida por Quinet (2022) como um convite a prudência, humildade, reconhecimento dos próprios limites e recusa de uma posição de saber absoluto. Portanto, para Dunker (2020) essa atitude perante o saber significa renunciar a posição de poder imbricada neste, permitindo que o analista ou educador se transforme em uma autoridade transferencial.

TRANSFERÊNCIA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

A transmissão do saber acontece ao se estabelecer a transferência (DUNKER, 2020). A transferência é a força motriz do tratamento psicanalítico, conferindo, através da associação livre, a reorganização do modo de funcionamento psíquico (FREUD, 1912/1976), mas também, pode-se definir como “[...]reedições dos impulsos e fantasias despertadas e tornadas conscientes durante o desenvolvimento da análise e que trazem como singularidade a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico.” (FREUD, 1901, p. 998).

Nesse contexto, Mariotto (2017) traz a ideia de que a figura que pode ser a substituta nessa operação transferencial é o professor. Com isso, o professor é convocado a ocupar uma

posição que está para além do ensino, na proporção em que se torna objeto dos investimentos libidinais de seu aluno. Portanto, o educador vai representar, para o aluno, uma função, sendo o substituto momentâneo de figuras parentais, representando então esse lugar de mestre, de idealização e de poder, como aquele que sabe algo que pode ajudar. Desse modo, trata-se sempre de uma relação afetiva e, por isso, é atravessada por ambivalência. Assim, Freud (1914/1969) aponta que um professor pode ser escutado quando é entendido por seu aluno como uma figura de importância especial, isto é, quando este aluno projeta no professor afetos que vivera com figuras de cuidado e autoridade, seus primeiros cuidadores, conferindo ao mestre um lugar de suposto saber. Logo, na relação pedagógica, a transferência faz com que o aluno idealize a figura do professor, sendo este, para o aluno, aquele que sabe como ensiná-lo.

Diante disso, Kupfer (2005) procura mostrar em *“Freud e a educação: o mestre do impossível”* como a transferência opera no processo de ensino-aprendizagem, destacando que a transferência no contexto escolar ocorre quando o desejo de saber do aluno se direciona a pessoa do professor, a partir disso, a figura do professor é esvaziada de sentido e preenchida pelo aluno conforme sua fantasia. Transferir é “atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo” (MARIOTTO, 2017 Apud. KUPFER, 2005, p. 92). Portanto, conforme Quinet (2022), a transferência é o fenômeno que está por trás da postura socrática de ignorância douda, isto é, Sócrates afirmava que só sabia de uma coisa, de sua ignorância, porém seus seguidores e amantes o consideravam sábio, e assim, presumiam um suposto saber de Sócrates, uma *agauma*, termo grego que designa um “tesouro escondido”. Dessa forma, é possível notar que Sócrates era receptáculo de transferências por parte de seus discípulos, e devido a este fenômeno, eles o seguiam e aprendiam com o mesmo, evidenciando o aspecto pedagógico da transferência.

No início da transferência, o analisando projeta no analista a figura simbólica do sujeito suposto saber, como destacado por Lacan (1992). Nesse contexto, a suposição de que o analista detém o saber necessário para curá-lo é essencial para o estabelecimento da transferência. Analogamente, na Educação, o professor assume o papel de sujeito suposto saber para o aluno, como aponta Ribeiro (2006), com isso o aluno não apenas supõe que o professor detém conhecimentos sobre os conteúdos disciplinares, mas também sobre seus próprios desejos e necessidades. Por isso, Kupfer (2005) argumenta que, diante das demandas transferenciais dos alunos, o professor deve adotar uma postura de não-saber, reconhecendo que não possui o saber absoluto sobre o aluno, mesmo mantendo o domínio sobre sua prática docente, adotando uma postura análoga à defendida por Paulo Freire (1974/2019) em *Pedagogia do Oprimido*. Todavia, muitos professores, conforme Santos (2009), interpretam de forma equivocada as

afetividades dos alunos, pessoalizando-as ou atribuindo à sua didática, o que pode levar a enganos, como responder sadicamente a provocações dos alunos ou rejeitar um aluno agressivo por não compreender as dinâmicas transferenciais do contexto. Assim, entender essa relação transferencial é fundamental para que o professor mantenha o autocontrole diante das emoções despertadas pelos alunos. Nessa perspectiva,

“Mesmo sem o saber, os mestres assumem o que Freud designa ‘uma herança sentimental’. Nesse lugar, eles encontram simpatias e antipatias, que pouco fizeram para merecer. Na verdade, para os alunos, os professores tornam-se pessoas substitutas dos primeiros objetos e sentimentos amorosos, de início endereçados a pais, irmãos e irmãs. Cada aluno estuda as características dos seus professores e forma – ou deforma – suas próprias características no contato com esses substitutos”. SANTIAGO (2008, p.117).

Diante deste cenário, Santiago (2008) defende que o conhecimento da teoria psicanalítica pode auxiliar os professores a compreender melhor as dinâmicas transferenciais na relação com os alunos, logo, permitindo que o professor seja mais colaborativo com o aluno sem se abater pelas projeções transferenciais, promovendo um ambiente educacional mais saudável, produtivo e estimulante. Portanto,

“A relação professor-aluno é uma teia complexa de sentidos, representações, expectativas e desejos inconscientes que em muitos casos desemboca em conflitos que contribuem decisivamente para o que se convencionou chamar de fracasso escolar. Contudo, dessa relação também emanam paixões, identificações que resistem ao tempo, marcam a vida dos alunos de modo a influenciar até mesmo suas escolhas pessoais”. (RIBEIRO, 2014, p.30)

MAL-ESTAR PSÍQUICO E O REAL NO CONTEXTO ESCOLAR

De acordo Lopes et al., 2020, o mal-estar na cultura e o real têm impactado os sujeitos nas diversas instituições humanas, como a escola por exemplo, gerando uma série de desafios no ato educativo, que se manifestam costumeiramente nos sintomas: crises de ansiedade e angústia, ideação e/ou tentativa de suicídio, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas, sensações de desamparo e confusão mental, labilidade emocional, atos de violência autoagressiva e heteroagressiva, etc. Para ALMEIDA e VIEIRA(2023) tal cenário convocou os psicanalistas para trabalhar além de seus consultórios.

Para Freud (1930/2010), o humano paga um preço muito alto para viver em civilização, laço social ou cultura, ele tem que renunciar a satisfação de suas pulsões, sendo um processo árduo, e que, de acordo com o mesmo, estamos em constante mal-estar na tentativa de equilibrar

as demandas pulsionais, com as demandas culturais. Assim, a psicanálise entende esta peleja como inerente a condição humana, e nessa perspectiva, os autores Scherer e Carneiro (2020) defendem que quando este mal-estar se apresenta na escola emergem tensões, ansiedades e confrontos. Os educadores geralmente procuram maquiagem os sintomas, porém, a invalidação do mal-estar não é sadia e inofensiva, uma vez que pode gerar um sentimento de impotência, produzindo inércia e desistência, como consequência de sucessivas insatisfações relativas às limitações do ambiente escolar e do ensino (Scherer; Carneiro, 2020), isso aliado a lógica do ensino curricular baseado em conteúdos e não no tempo e processo temático do aluno (DUNKER, 2020). Diante disso, surgem as resistências dos estudantes, que segundo Dunker (2020), se trata de uma resposta a intenção da escola de dominar, homogeneizar e controlar totalmente o processo de aprendizagem.

Em contrapartida, de acordo com Kupfer (2005) e Santiago (2008), a Educação é de grande benefício no tocante a gerir o princípio do prazer, através da adaptação a realidade, afinal é a educação que norteia o processo de substituição dos objetos pulsionais por objetos sublimados. Logo, esta ideia está em consonância com Ribeiro (2006), que defende que a Educação deveria ter como objetivo impedir a formação da neurose, trabalhando com o sujeito para conduzir as pulsões para um caminho benéfico, posicionando a Psicanálise em um papel de reeducação.

Por fim, um outro aspecto fundamental ao se pensar a psicanálise na educação vem do texto: “*Análise finita e infinita*”, onde Freud (1937/2019) nomeia o ato de educar, junto com o governar e o psicanalisar como ofícios impossíveis, pois há uma certeza prévia de que o resultado será insuficiente, ao que Lacan (1969-1970/1992) concordou, e complementou com a articulação do conceito de *real*, que, em Psicanálise, é aquilo do qual não é possível circunscrever pelo simbólico, atribuir significado, literalmente simbolizar, sendo o mal-estar na cultura uma manifestação desta impossibilidade da linguagem dar conta do real. Todavia, para Scherer e Carneiro (2020), Freud e Lacan não estavam afirmando estes ofícios como inexecutáveis, mas sim como trabalhos que evidenciam em ato a falta em seu fazer, isto é, as operações realizadas em função da educação, por exemplo, demonstram inevitavelmente ser inalcançáveis em sua totalidade, sendo um serviço sem garantias, uma aposta.

A ESCUTA COMO RESPOSTA AO SOFRIMENTO ESCOLAR

Em relação ao sofrimento escolar (que abrange toda a comunidade), Dunker (2020) afirma que as problemáticas educacionais têm uma grande complexidade devido a quantidade

de variáveis introduzidas nos tempos atuais, portanto, uma solução ainda está por vir e demanda tempo para tal.

Conforme estudos recentes, há um aumento significativo na sensação de solidão entre as gerações mais jovens. Dados indicam que 56% dos membros da Geração Z relatam sentir-se solitários pelo menos uma ou duas vezes por mês durante a infância, em contraste com apenas 24% dos Baby Boomers (EAKINS, 2023). Isso pode ser atribuído a várias mudanças sociais e comportamentais, incluindo a estrutura familiar e o uso de mídias sociais (WILCOX; MATTISON, 2023). Diante disso, Dunker (2020) compreende que essa solidão está associada ao declínio de experiências de intimidade, pois as dinâmicas digitais possibilitaram uma nova dinâmica entre privacidade e publicidade, onde cada pessoa produz uma versão “melhorada” de si mesmo. Essa versão é consumida por outros, o que demanda dedicação e vigilância moral constante, resultando numa privacidade sem intimidade, porque intimidade implica compartilhar incongruências e inseguranças que podem ser usadas dolorosamente contra o sujeito.

Nesse interim, quando o sofrimento não é bem trabalhado transforma-se em sintomas, e para o autor (DUNKER, 2020) o sofrimento mal trabalhado é aquele que foi negligenciado em três condições: a palavra ou a escuta, o compartilhamento e o reconhecimento. Existem processos que potencializam o sofrimento, como quando ele é experienciado em silêncio e vergonha ou raiva, sem ser inserido e articulado a um discurso coletivo. Portanto, segundo Dunker (2020):

“A escuta é parte primária e essencial do cuidado com o sofrimento das pessoas. Que uma criança se angustie dramaticamente diante das hipóteses que constrói sobre a língua escrita, que um adolescente se corra de angústia com seu sentimento de inadequação corporal, ou que um púbere se tranque na solidão infinita da falta de palavras para designar os estados informulados de seu espírito, nenhum método pedagógico pode proteger. Nem escola nem família estão em condições de oferecer métodos protetivos contra tais experiências. Por isso elas precisam acompanhar a travessia destes litorais de sofrimento, sem tomá-los como signos de sua própria impotência, nem negar a existência do que não se pode controlar. O sofrimento precisa ser escutado, caso contrário tende a transformar-se em sintoma ou a regredir para estados inomináveis de mal-estar”. (DUNKER, 2020, p.73)

Ainda conforme Dunker (2020), a experiência da escuta desempenha uma função educativa indireta, modulando nossos afetos, emoções, desse modo a escuta, com sua exigência de temporalidade, sua gramática intersubjetiva e seu efeito de empatia, atua como um tratamento natural para as patologias do humor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

É notável uma complexa e rica interseção entre Psicanálise e Educação, onde conceitos psicanalíticos são aplicados de maneira inovadora e ética para enfrentar os desafios no ambiente escolar. Paulo Freire, em "Pedagogia do Oprimido" (1974/2019), defende a importância de reconhecer o saber do aprendiz, ideia que ressoa com a prática analítica, onde o analista não impõe seu conhecimento, mas valoriza a ignorância como um primeiro passo para uma escuta empática e ativa (Dunker, 2020; Quinet, 2022), bem como Jacques Rancière (2015) expande essa discussão ao explorar como essa ignorância pode transformar relações de poder. Partindo desta relação com o saber e valorização do sujeito, Dunker (2020) lança a discussão sobre a escuta, sendo ela a principal resposta contra o mal-estar na escola conforme descrito por Lopes et al. (2020), como ansiedade, angústia e violência, refletindo as tensões entre demandas pulsionais e culturais que foram abordadas primeiramente por Freud (1930/2010) em um contexto amplo.

Ademais, Scherer e Carneiro (2020) argumentam que a abordagem educacional muitas vezes mascara esses sintomas, produzindo um silenciamento e conseqüentemente uma negligência para com o sofrimento, tal como aponta Dunker (2020). No entanto, como afirmam (Kupfer, 2005; Santiago, 2008), a educação desempenha um papel fundamental na gestão das pulsões e na prevenção da neurose, e, nesse contexto, a escuta é fundamental para o cuidado com o sofrimento, promovendo uma experiência educativa que modula afetos e emoções (DUNKER, 2020).

Portanto, para Dunker (2020) a cultura da indiferença e do ódio que se instalou na contemporaneidade, promovendo uma invalidação do sujeito e de sua experiência, não havendo escuta e assim, potencializando o sofrimento do educando.

“ [...] nossas respostas não são exatamente concentradas no que o outro diz, mas no ambiente, no contexto, no que se ajusta bem à paisagem. É o que Lacan chamava de imaginário, essa inclinação a fechar o sentido cedo demais, a compreender o outro rápido demais, a nos alienarmos em sua imagem e nos fecharmos para sua palavra”. (DUNKER, 2020, p. 121)

O autor continua, e expande o tema da escuta para contextos de violência: “*Quando se trata de escutar o outro ninguém sabe quem é o responsável. A polícia prende, o delegado conduz o inquérito, o escrivão anota, mas quem é que vai escutar as pessoas envolvidas?*” (DUNKER, 2020).



Diante da invalidação e negligência de uma escuta, pode-se pensar a indisciplina como um sintoma desse contexto, a partir de Santiago (2008) em articulação com Freud (1926/2014), pois, para os autores, é comum que indivíduos adotem uma postura subjetiva que reflete exatamente a visão que o Outro tem deles. Por exemplo, uma criança cujas capacidades intelectuais não são reconhecidas devido a carências diversas pode responder a essa percepção mostrando resistência ao ensino e à aprendizagem. Nesse contexto, o sintoma revela uma falha no laço social para o Outro, exemplificada pela "criança que não aprende." Essa designação pode se tornar uma oferta de identificação e satisfação para o sujeito, perpetuando a alienação do discurso do Outro e impedindo a inscrição de elementos particulares da subjetividade no processo de aprendizagem (SANTIAGO, 2005), da mesma forma que um sujeito tido como indisciplinado pode se identificar com este semblante, assumindo esse lugar, preso naquilo que crê que o Outro demanda dele, e alienado de seu desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A interseção entre Psicanálise e Educação é complexa e rica, aplicando conceitos psicanalíticos para enfrentar desafios escolares. Paulo Freire, em "Pedagogia do Oprimido" (1974/2019), defende o reconhecimento do saber do aprendiz, ecoando a prática analítica de valorização da ignorância como um passo para a escuta empática e ativa (Dunker, 2020; Quinet, 2022), além disso, Dunker (2020) ainda enfatiza a escuta como resposta ao mal-estar escolar, caracterizado por ansiedade, angústia e violência, refletindo tensões entre demandas pulsionais e culturais descritas por Freud (1930/2010). Alinhado a esta problemática, Scherer e Carneiro (2020) afirmam que a abordagem educacional muitas vezes mascara sintomas, silenciando o sofrimento, por isso Kupfer (2005) e Santiago (2008) defendem que a educação, ao gerir pulsões e prevenir neuroses, deve incluir a escuta para modular afetos e emoções. Dunker (2020) critica a cultura de indiferença que invalida a experiência do sujeito, exacerbando seu sofrimento.

Diante deste tema, pode-se inferir a necessidade de incorporar práticas psicanalíticas na educação para lidar com o mal-estar escolar. A aplicação empírica desses conceitos é fundamental, aliada a novas pesquisas e diálogos para aprofundar as análises apresentadas. Assim, a aplicação de conceitos psicanalíticos na educação pode transformar as relações pedagógicas, promovendo um ambiente de aprendizado mais empático e eficaz. As discussões apresentadas demonstram a relevância de integrar psicanálise e educação, oferecendo novas



perspectivas para enfrentar os desafios do contexto escolar contemporâneo. Importante destacar a necessidade da produção de mais estudos acerca do sofrimento psíquico nas escolas e sua interface com a Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria.

Por fim, enfatiza-se a necessidade de continuidade na investigação sobre a interseção entre Psicanálise e Educação. Estudos futuros devem explorar mais profundamente como a escuta e a valorização da subjetividade dos alunos podem influenciar positivamente seu desenvolvimento acadêmico e emocional. A colaboração entre educadores, psicanalistas e outros profissionais da saúde mental é crucial para desenvolver práticas pedagógicas que realmente atendam às necessidades dos alunos, contribuindo para um sistema educacional mais humanizado e eficiente.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, R. S.; VIEIRA, M. A. A Escuta da Urgência Subjetiva na escola: Considerações a partir da Psicanálise Lacaniana: João Pessoa, 2023.

DUNKER, C. Paixão da ignorância: A escuta entre Psicanálise e Educação. 1.ed. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

EAKINS, K. The Childhood Loneliness of Generation Z. Survey Center on American Life, 2023. Disponível em: <<https://www.americansurveycenter.org/research/the-childhood-loneliness-of-generation-z/>>. Acesso em: 15 maio 2024.

FINK, B.; Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 84. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FREUD, S. (Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933). 1975.

FREUD, S. Análise finita e infinita. In: FREUD, S. Fundamentos da clínica psicanalítica: Obras Incompletas. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. Dinâmica da Transferência. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud) (1912). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: FREUD, S. Sigmund Freud Obras Completas Volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1925-1929). São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



- FREUD, S. O Mal-estar na civilização. In: FREUD, S. S. Sigmund Freud Obras Completas Volume 18: O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- KUPFER, M. C. Freud e a educação o mestre do impossível. São Paulo: Scipione Editora. 2005.
- LACAN, J. O seminário – livro 8: a transferência (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1992.
- LACAN, J. O Seminário, Livro 10: A angústia (1952-1953). Jorge Zahar. 1992.
- LOPES, J. P.; TOMAZLL, J. M. T.; CRUZ, D. M.; TEIXEIRA, L. C.; ROCHA, B. E. A. B.; DANZIATO, L. atendimentos psicanalíticos em urgência subjetiva – mulheres em situação de violência doméstica em tempos de covid-19. Cadernos ESP – Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará. Ceará, v. 16, n. 1, Mar. 2022, p. 66-74. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/578>. Acesso em 13 Ago. 2023.
- MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. Educar em Revista, Curitiba, 2017
- QUINET, A.; As 4 + 1 Condições da Análise. 12. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- RANCIÈRE, J. O Mestre Ignorante. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- RIBEIRO, M. P. Contribuição da Psicanálise para Educação: A transferência na relação professor/aluno. Psicologia da Educação, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 23-30, 2014.
- RIBEIRO, M. V. M. A educação e a psicanálise: um encontro possível? Psicologia: Teoria e Prática. Brasília, 2, 112-122. 2006.
- SANTIAGO, A. L. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em Psicanálise e Educação. In L. R. de Castro & V. L. Besset (Orgs.). Pesquisa – Intervenção na infância e juventude (pp. 113-131). Rio de Janeiro: Trarepa/ FAPERJ. 2008.
- SANTOS, J. M. S. A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.
- SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. In: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). Retratos da pesquisa em psicanálise e educação. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 133-148.



WILCOX, W. B.; MATTISON, S. Growing Up Lonely: Generation Z. Institute for Family Studies, 2023. Disponível em: <<https://ifstudies.org/blog/growing-up-lonely-generation-z>>. Acesso em: 15 maio 2024.